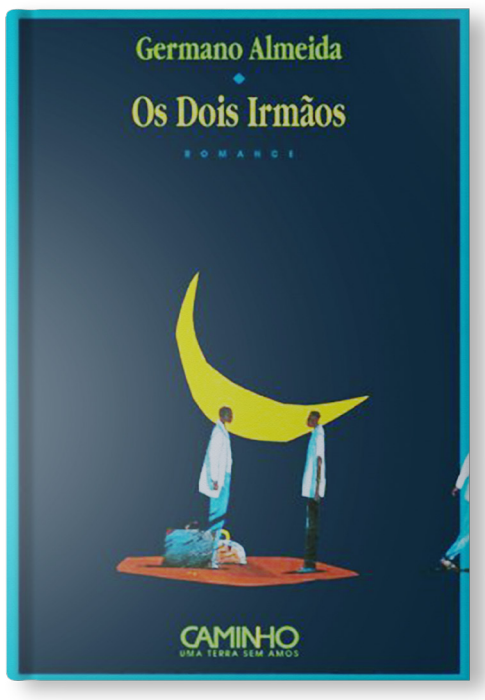
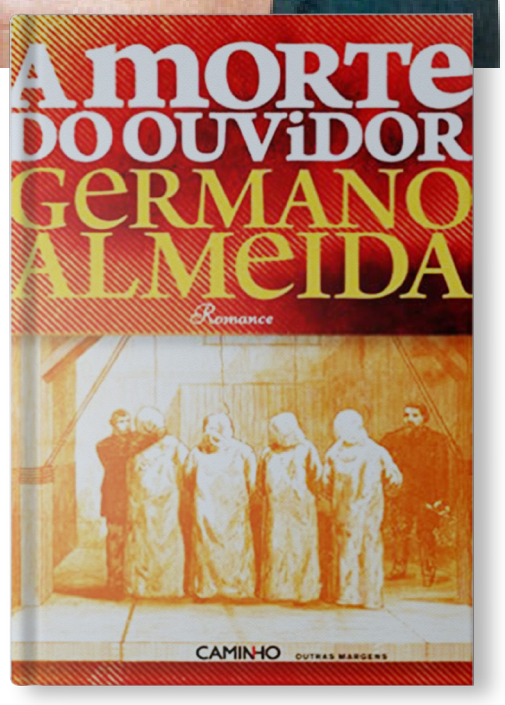
Germano Almeida

Um canto de além-mar

Correspondentes: Alexandre Maia Lago e Adonay Moreira





Ele veio de um belo arquipélago no Atlântico para arrebatar o Prêmio Camões de 2018. O segundo cabo-verdiano a ganhá-lo. Seus livros "Dois Irmãos", "O Meu Poeta", "O fiel Defunto", "A Morte do Ouvidor", bem como suas crônicas, dão a dimensão de um escritor bem-humorado, perspicaz observador do contexto social, político, histórico e com evidente espírito humanista.

Os deuses da literatura, vez por outra, diligenciam para compensar o isolamento geográfico da pátria de alguns artistas em relação aos grandes centros culturais. Uma inegável desvantagem que, sempre, muitos talentos padecem, ficando eternamente na obscuridade.

Germano, cuja formação jurídica se fez em Lisboa, regressou ao seu país, teve uma passagem pela política e foi procurador-geral de Cabo Verde. Mais que colocar seu país definitivamente no mapa das letras, reafirmou a força da literatura lusófona. Para essa entrevista contei com a colaboração do escritor Adonay Moreira.

Jornal do Maranhã - JM: O 25 de abril foi um marco para a África lusófona. Para a Literatura, quais foram os reflexos?

Germano Almeida: O 25 de Abril foi de facto um marco importante para a África que se expressa em português, muito mais por causa das independências que propriamente em termos de literatura. Bem entendido que antes do 25 de Abril havia a questão da censura e todas as outras dificuldades de publicação em termos gráficos, mas dá-se essa data e a seguir a independência, no caso de Cabo Verde, mas mesmo assim passaram-se muitos anos antes que se começasse a publicar. Assim, não se pode dizer que o 25 de Abril tenha tido uma influencia direta. Mas já a independência que se seguiu, essa sim, viria a ter influencia, ainda que alguns anos depois.

JM: Os seus livros costumam pintar um quadro bem-humorado da política cabo-verdiana. Sua passagem pela política foi uma boa oportunidade de estar perto da matéria-prima?

Germano Almeida: Na realidade estive diretamente ligado à politica por pouco tempo. No ano de 1990 o partido no poder decidiu-se pela abertura política e achei importante participar na conquista do pluripartidarismo, o que aconteceu de facto. Fui deputado durante uma Legislatura. Mas é verdade que já antes tinha interesse e ligações à política e a matéria prima de que me sirvo será muito mais apanhada na sociedade que propriamente na politica direta ligada aos partidos. É que a terra é pequena e vamos sabendo todos uns dos outros.

JM: Ao contrário de grande parte da prosa contemporânea, seus livros deixam clara a presença de um narrador que quer apenas contar sua história, sem nenhum compromisso com teorias. Como o senhor vê o papel do narrador na construção das suas obras?

Germano Almeida: Na verdade nunca me preocupo com a forma como os meus livros são escritos. É certo que alguém tem que os narrar, mas até hoje não foi uma preocupação minha definir o papel do narrador na economia do texto. Estou sempre preocupado em contar uma estória, nunca em traduzir uma teoria literária, que ainda bem que não conheço.

JM: O senhor é muitas vezes apontado como um autor que promoveu uma verdadeira revolução literária em Cabo Verde. O senhor concorda com esse apontamento e, se sim, quais as consequências que essa revolução trouxe à literatura de seu país?

Germano Almeida: Sim, dizem-me isso, mesmo aqui em Cabo Verde, mas tenho que dizer que nunca tive a preocupação de produzir uma revolução literária. A única coisa que eu sabia era que somos um povo bem-humorado e esse humor muito pouco estava presente na nossa literatura. É de facto a única novidade que conscientemente quis introduzir, trazer o povo e o seu humor aos livros. Sei de muitos jovens que aspiram a imitar a minha forma de escrever, oxalá consigam.

JM: Muitos de seus livros nasceram de experiências reais, como é o caso dos romances "O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo" e "Dois Irmãos". Para o senhor, quais são os limites entre ficção e realidade?

Germano Almeida: Livros meus nascidos de experiencias reais são especialmente os Dois Irmãos e O dia das Calças Roladas. O Testamento nem por isso. Mas gosto da brincadeira de misturar e confundir a realidade com a ficção, sobretudo com o intuito de criar estórias verosímeis com as quais os leitores se identificam sem no entanto se reconhecerem enquanto pessoas reais.

JM – Seus livros são repletos de uma ironia e de uma sátira profundas, que põem a nu as mazelas sociais, morais e políticas de seu país. Para o senhor, em que medida elas ajudam a melhor compreender a realidade?

Germano Almeida: Certamente que gostaria que os meus livros ajudassem a compreender a realidade do meu país ou pelo menos das ilhas onde eles decorrem. Fico sempre grato quando pessoas chegadas do estrangeiro me dizem que ficaram a conhecer melhor a nossa sociedade depois de ler os meus livros. Claro que é um ganho. Mas se me perguntasse, dir-lhe-ia honestamente que a minha única preocupação é contar uma estória e querer que ela seja do agrado de cada leitor.